

Sobre arte e suas linguagens no espaço educativo

Raimundo Matos de Leão
Escola de Teatro - UFBA

RESUMO

Reflexão teórico-crítica sobre a contribuição do espaço educativo como meio de acesso à arte para crianças e jovens e sobre o papel das Licenciaturas em Arte na preparação de profissionais capacitados para ministrar de fato atividades artístico-pedagógicas, sem que se perca o foco da linguagem a ser transmitida aos educandos. Neste processo de transmissão de conteúdos e práticas, abrir-se-á espaço para a construção de um saber, de maneira a objetivar a autonomia do sujeito do processo educativo.

Sobre arte e suas linguagens no espaço educativo

Raimundo Matos de Leão¹

Escola de Teatro - UFBA

Precisamos levar a arte que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado a se expandir, tornando-se patrimônio da maioria e elevando o nível de qualidade de vida da população.

Ana Mae Barbosa

Ao retomar este artigo, originalmente publicado na Revista de Educação do Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica – CEAP, fui instigado pelo seu conteúdo, merecedor ainda de reflexões por parte dos educadores de arte, professores responsáveis pelo ensino das linguagens das artes visuais, do teatro, da dança e da música. De imediato, sinalizo para a epígrafe creditada a Ana Mae Barbosa, estudiosa das questões relativas ao ensino da arte e responsável por formar um grande número de pesquisadores e professores de arte.

Penso que através do espaço educativo possamos, efetivamente, dar uma contribuição no sentido de possibilitar o acesso à arte a uma grande maioria de crianças e jovens, cabendo às Licenciaturas em Arte preparar profissionais capacitados para ministrar de fato atividades artístico-pedagógicas, sem que se perca o foco da linguagem a ser transmitida aos educandos. Neste processo de transmissão de conteúdos e práticas, abrir-se-á espaço para a construção de um saber, de maneira a objetivar a autonomia do sujeito do processo educativo.

1. Doutor e mestre em Artes Cênicas. Escritor e professor da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

Sendo a escola o primeiro *espaço formal* onde se dá o desenvolvimento de cidadãos, nada melhor que por aí se dê o contato sistematizado e iluminador com o universo da arte e suas linguagens. Contudo, o que se percebe é que o ensino da arte está relegado ao segundo plano ou, simplesmente, é encarado como mera atividade de lazer e recreação, notadamente nas primeiras séries do ensino fundamental. É possível constatar ainda uma situação bastante preocupante em torno do tema aqui tratado. Desde o profissional contratado, muitas vezes tendo que lidar com conteúdos das linguagens de forma polivalente, até o reduzido número de horas destinadas ao ensino das linguagens artísticas, a expansão de que nos fala Ana Mae Barbosa se torna canhestra, quase sempre diluída, quando inexistente. Tal afirmação, tomada em sua radicalidade, visa chamar a atenção de educadores, em especial os envolvidos com os cursos superiores cuja arte é o centro e finalidade.

Ao longo dos anos, muito se tem falado e escrito sobre a necessidade da inclusão da arte na escola de maneira mais efetiva. Já se vão muitos anos desde que a Lei 5692, de 1971, incluiu a disciplina Educação Artística como parte dos currículos escolares. Em decorrência da medida, instituída pelo governo civil-militar, um paradoxo em termos da política educacional implementada no período, surgiram em diversas capitais do país, cursos superiores com o objetivo de formar professores de arte, depois nomeados de arte-educadores, atualmente designados como professores de teatro, música, dança e artes visuais. Esta nomenclatura contém uma afirmação e cria uma identidade, traços que podem fortalecer este segmento de profissionais.

É certo que muitas experiências têm acontecido no campo do ensino da arte. E no contato com a realidade vivida por diretores de escola, coordenadores pedagógicos e professores, percebe-se um bom nível de intenções que parecem apontar para um caminho interessante, pois transformador. No entanto, ao olharmos atentamente para a prática pedagógica no universo das linguagens, nota-se a grande distância entre a teoria e a prática. Muito equívocos ainda são cometidos e a matéria passa batida na maioria das vezes em que se questionam as vivências com a arte na educação. As incertezas são muitas, da mesma maneira que certezas se apresentam, fortalecendo a compreensão de que a arte na educação é mediadora cultural e social. Alcançando tal objetivo é possível responder ao que pergunta Foucault (*apud* LOPONTE, 2007, p. 231):

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feito por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida?

Para tanto, é necessário que se tenha em sala de aula professores preparados ética e esteticamente para responder às demandas compreender a competência sem o engessamento que ela pode produzir, pois o mesmo deve estar aberto às forças da vida em sala de aula e às forças contidas na matéria que ensina: docente que se faz artista, pois “assume o seu trabalho como um processo de ir e vir, de rascunhar, rabiscar, voltar a desenhar-se” (LOPONTE, 2007, p. 236). Acrescento: representar, dançar, cantar, encantar-se com a estética agindo eticamente. O contrário deste princípio pode gerar um quadro que reforça a postura inadequada: compreender a importância da arte, mas não a sua necessidade. Esta contradição é objeto de reflexão e prática por parte dos professores de arte interessados em reverter a situação em favor de uma escola que valorize os aspectos educativos contidos no universo da arte, valorizando, sobretudo a especificidade da linguagem, ou melhor, das linguagens artísticas. Em sendo linguagem, o teatro, a música, a dança e artes visuais pressupõem “leis” e “exigências” para que o estudante aprenda a lidar com seus da contemporaneidade, em um mundo globalizado cuja rede de informação é veloz. Insisto na questão da formação do docente, tema presente também em Loponte (2007), afirmando que o professor(a) deve elementos, de maneira que o trabalho tenha coerência e significação, conforme Ferreira Gullar (2013), em artigo para a *Folha de São Paulo*², e assim possa se expressar.

Expressão, em princípio, tudo é, já que o que existe expressa algo, tem um significado, seja um gato, uma pedra, uma mancha na parede. Mas são diferentes o significado natural que cada coisa tem e o significado criado pelo músico ao trabalhar a linguagem musical, pelo poeta ao trabalhar a linguagem literária, pelo pintor ao trabalhar a linguagem pictórica (GULLAR).

Tal pensamento traduz a preocupação com a formação de profissionais que exercerão funções na formação de crianças e jovens. Os responsáveis pelas atividades educativas devem estar preparados para entender a arte como ramo do conhecimento no mesmo pé de igualdade que os outros componentes curriculares. É preciso saber lidar com os elementos constitutivos da linguagem que se ensina para não transformar a ação educativa em arte, um mero “fazer de conta”.

Reconhecendo não só a necessidade da arte, mas a sua capacidade transformadora, os professores contribuirão para que o acesso a ela seja um direito dos homens e mulheres independente da classe social, grupo étnico ou religioso. Aceitar o fazer artístico e a fruição estética, bem como o seu conhecimento, contribui para o desenvolvimento de crianças e de jovens. É ter a certeza da capacidade que tais segmentos têm de ampliar o seu potencial cognitivo e assim conceber e olhar o mundo de modos diferentes, dialogando de maneira crítica com a diversidade, a polifonia de vozes, ações e desejos.

2. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/index-20130324.shtml>>. Acesso em 24.03.2013.

Esta postura deve ser internalizada nos professores, a fim de que a prática pedagógica tenha coerência, possibilitando ao educando conhecer o repertório cultural da sua classe e de seu grupo para que possa entrar em contato com outras referências, sem que haja a imposição de uma forma de conhecimento e manifestação sobre outra, sem a dicotomia entre reflexão e prática.

Retomo o princípio de que a arte deve estar em consonância com a contemporaneidade de forma que a sala de aula torne-se o espelho do atelier do artista, ou do laboratório do cientista, rompendo-se também com a divisão entre ciência e arte. Tanto no atelier quanto no laboratório são desenvolvidas pesquisas; técnicas são criadas e recriadas, e o processo criador toma forma de maneira viva e dinâmica, pois conforme Martin Buber (1946, *apud* READ, 2001, p. 318), existe “um claro impulso a fazer coisas, um instinto que não pode ser explicado por teorias da libido e da vontade de poder, mas é desinteressadamente experimental”. Continuando, Buber “admite que a liberação dos poderes criativos da criança é uma pré-condição para a educação” (READ, p. 319).

A pesquisa e a construção do conhecimento tem um valor, tanto para o educador quanto para o educando, rompendo assim com a relação sujeito/objeto do ensino tradicional. Tal processo é desafiador. Assim, o ensino da arte estará intimamente ligado ao interesse de quem aprende e de quem ensina num compartilhamento intersubjetivo salutar para ambos.

Essa maneira de propor o ensino da arte rompe barreiras de exclusão, visto que a prática educativa está embasada não no talento, qualidade não descartada, *mas na capacidade de experienciar de cada um*. Este experienciar desloca-se do campo espontaneísta para inserir a prática em arte de maneira sistematizada de forma que o sujeito adentre ao terreno do conhecer arte, fazer arte a apreciar arte, tríade a ser considerada de maneira vertical. Dessa maneira, estimula-se, anima-se, incentivam-se os educandos se arrisquem a representar, dançar, desenhar, tocar e escrever sustentado por um saber instaurado como um ato consciente e como fruto do aprendizado metódico, cabendo a todos o seu espaço de manifestação. Trata-se, portanto de uma vivência, e não de uma competição.

Uma proposta em arte que parta destes princípios traz para as suas atividades um grande número de interessados. Estas crianças e jovens se reconhecerão com os participantes e construtores de seus próprios caminhos e formas de expressão, sabendo então avaliar de que forma se dão os atalhos, as vielas, as estradas do processo criativo. A arte fará parte de suas vidas e terá um sentido, deixando de ser aquela coisa incompreensível ou elitista. É imprescindível o conhecimento das diversas linguagens, sua história e suas poéticas, bem como a trajetória dos artistas que se expressaram por elas criando signos teatrais, pictóricos, coreográficos e musicais.

A concepção de arte no espaço educativo formal e não formal implica numa expansão do conceito de cultura, ou seja, toda e qualquer produção e as diferentes maneiras de conceber e organizar a vida social são levadas em consideração. Cada grupo inserido nesses processos configura-se pelos seus valores e sentidos. Os participantes dos agrupamentos são agentes na construção e transmissão dos valores que ordenam seus mundos. Visto que a cultura está em permanente transformação, ampliando-se e possibilitando ações que valorizam a transmissão e a produção do conhecimento, cabe então negar a divisão entre teoria e prática, entre razão e percepção, ou seja, toda fragmentação ou compartimentalização da vivência e do conhecimento.

Este processo pedagógico busca a dinâmica entre o sentir, o pensar e o agir, promovendo a interação entre saber e prática relacionados à história, às sociedades e às culturas, possibilitando uma relação ensino/aprendizagem de forma efetiva, a partir das experiências vividas, múltiplas e diversas, valorizando-se as narrativas da memória e as construídas no interior dos códigos das linguagens. Da mesma forma, consideram-se os aspectos lúdicos como processo e resultado, como conteúdo e forma, desde que se compreenda o lúdico em sua essencialidade, conforme nos fala o professor Edmir Perroti:

[...] gostaria de chamar a atenção para o conceito do lúdico. Sim, porque no mundo atual as diferentes dimensões do lúdico vêm sendo reduzidas a praticamente uma, a da ludicidade instrumental. Esta que é, por exemplo, utilizada pela publicidade, vem sendo tomada enquanto dimensão que dá conta das possibilidades todas do lúdico, como se este se esgotasse em tal perspectiva (1995, p. 26-27).

Em suas reflexões sobre o lúdico Perroti distingue duas abordagens sobre o jogo, a brincadeira. Tomando-se o primeiro caso, “o do lúdico instrumental, o jogo é compreendido enquanto recurso motivador, simples instrumento, meio para a realização de objetivos que podem ser educativos, publicitários ou de inúmeras naturezas” (1995). No segundo caso, assim se posiciona o pesquisador:

[...] brincar sob todas as formas físicas ou intelectuais, é visto como uma atitude essencial, como categoria que não necessita de uma justificativa externa, alheia a ela mesma para se validar. No primeiro caso, o que conta é a produtividade. No segundo, a profundidade é o próprio processo de brincar, uma vez nessa concepção jogar é intrinsecamente educativo, é essencial enquanto forma de humanização (p. 26-27).

Considerando os argumentos de Perroti, a escola pode considerar, na sua programação, vivências onde o lúdico essencial esteja presente, reconhecendo a arte como ramo do conhecimento – vale dizer mais uma vez –, contendo em

si um universo de componentes pedagógicos. Os professores de arte poderão abrir espaços para manifestações possibilitadoras do trabalho com a diferença, o exercício da imaginação, a autoexpressão, a descoberta e a invenção, novas experiências perceptivas, experimentação da pluralidade, multiplicidade e diversidade de valores, sentidos e intenções.

[Então], o fazer artístico instaura-se neste contexto como uma forma de criar, ordenar, configurar, articular e expressar dada realidade. Neste exercício estão implícitas as configurações de vida dos indivíduos, pautadas dentro de valores coletivos, e expressas a partir de uma materialidade própria, possibilitando, com base nas propostas desta linguagem, alterações culturais e sociais de todo um grupo (CORRÊA, 2007, p. 134).

Um programa educativo sério não pode adotar a arte como elemento decorativo e festeiro. A arte valoriza a organização do mundo da criança e do jovem, sua autocompreensão, assim como o relacionamento com o outro e com o seu meio, de forma que o trabalho na vertente do lúdico e do fazer não tenha um fim em si mesmo. As etapas e os resultados de um projeto poderão dar origem a outros projetos como, por exemplo, os espetáculos teatrais, coreográficos, e musicais, as exposições, mostras e performances. Sobretudo, o contato com a arte colocará o educando diante da beleza, pois como sugere Tzvetan Todorov (2011, p.14), “a obra de arte, certa ou errada, nos dá em si uma sensação de plenitude, de realização e de perfeição que, por outro lado, pedimos à nossa vida”. Continuando as suas reflexões, Todorov afirma:

Não é, portanto, a contemplação de obras que será dado como exemplo de uma bela vida nem sua criação, é a própria obra de arte. Ora, a obra não é separada por um abismo da mais comum existência. Para descobrir a beleza dessa existência não há nenhuma necessidade de praticar uma arte nem de consumir obras-primas com assiduidade. Todos sabem iluminar o real com o imaginário e tentam dar a suas vidas cotidianas uma forma harmoniosa (ou pelo menos se lamentam de não ter podido fazê-lo). A obra de arte é simplesmente o local em que esses esforços produziram seu resultado mais brilhante, onde são, por conseguinte, mais fáceis de ser observados (p.14-15).

Este contato iluminador com a arte e suas proposições no espaço educativo não levará ao surgimento de uma totalidade de artistas. Não é este o objetivo da sua inserção no ensino fundamental e médio. Da mesma maneira que não se pretende formar matemáticos nem geógrafos, quando da iniciação do sujeito no universo das disciplinas referidas, o mesmo se dá com a imersão nos conteúdos e práticas das linguagens. A meta é ampliar o direito de todos; é colocar o indivíduo diante de ideias e sentimentos expressos por uma variedade de signos,

promovendo o conhecer, o fazer e o apreciar, de forma a superar a compreensão distorcida de que a arte promove de maneira intencional a ideia de superioridade. O que se visa é o ensino da arte na sua pluralidade, como manifestação que se faz presente em todas as classes.

Outra questão a nos interessar diz respeito aos resultados e mesmo da avaliação. Sem o aprofundamento necessário sobre assunto, expresse o seguinte ponto de vista: a finalização dos trabalhos não deve ser a meta principal para a sua realização, e sim a pesquisa e o desenvolvimento do educando nas respectivas linguagens artísticas, bem como o crescimento de sua autonomia e capacidade inventiva. Por isso, os projetos devem levar em consideração os valores e sentidos do universo cultural dos educandos, possibilitando a vivência com o repertório já existente, assim como sua ampliação e novas maneiras de expressão. Entender e estimular o ensino da arte nesta perspectiva tornará a escola um espaço vivo, produtor de um conhecimento novo, revelador que aponta para a transformação se ignorar o legado das gerações. Seguindo tal raciocínio, penso que a finalização acontecerá como parte de um processo criador para que seja apreciado.

A interação entre a concepção de arte e a concepção de educação construtiva encaminha-se na confluência do que conhecemos como arte-educação. Tal conceito aponta para o entendimento de uma questão mais ampla que é a arte no espaço educativo: um projeto pedagógico com uma prática em arte, questionando a nomenclatura arte-educação. Destacamos este ponto, tendo em vista que nenhuma outra disciplina tem necessidade de uma ênfase na sua terminologia quando da inclusão numa proposta pedagógica. Para melhor compreensão da afirmativa, esclarecemos da seguinte maneira: não existe a necessidade de nomear geografia-educação, biologia-educação, matemática-educação. A esse respeito, Ana Mae Barbosa considera:

Como a matemática, a história e as ciências, a arte tem domínio, uma linguagem e uma história. Constitui-se, portanto, num campo de estudos específicos e não apenas uma atividade. [...] Eliminemos a designação arte- educação e passemos a falar diretamente de ensino da arte e aprendizagem da arte sem eufemismos, ensino que tem de ser conceitualmente revisto na escola fundamental, nas universidades, nas escolas profissionalizantes, nos museus, nos centros culturais a ser previstos nos projetos de politécnicas que se anunciam (1991, p. 6-7).

É na ação dos professores de arte que podemos reverter o quadro e tornar o ensino da arte uma prática significativa para quem dela participa. Através dos investimentos na formação e na qualificação de profissionais é que a arte deixará de ser mero apêndice pedagógico de outras disciplinas, ou um meio reducionista para organização de eventos. Nada contra a festa, pelo contrário. Uma proposta

centrada no ensino da arte não pode deixar de lado o seu aspecto festeiro, lúdico, mágico. Nesse sentido, o evento deve ser pensado como momento de criação estética, articulado com os elementos específicos inerentes às linguagens artísticas. Assim, os eventos que reproduzem eventos convencionais, pré-estruturados pelos adultos e desvinculados das crianças e jovens devem ser evitados em favor dos acontecimentos elaborados e modificados em parceria entre educadores e educandos, mantendo-se a intensidade do processo e a novidade dos resultados, visando sempre o desenvolvimento estético dos sujeitos participantes.

A ênfase dada ao trabalho do professor de arte não isenta o conjunto da escola da responsabilidade de modificar a prática do ensino de arte e, com isto promover a educação estética em sua totalidade. É imprescindível uma ação interdisciplinar.

A prática artística nos espaços educativos não se sustenta se não contar com profissionais bem formados, que tenham uma visão humanista e um conhecimento vertical sobre a arte e suas linguagens. A qualificação e aperfeiçoamento dos profissionais dimensionará a qualidade do ensino; receitas serão deixadas de lado e a ação dar-se-á de forma instigante, privilegiando-se a descoberta dos códigos e signos da arte e de sua trajetória ao longo do tempo.

Os sujeitos reunidos em equipes, ou atuando individualmente, devem articular a tríade que enfeixa a contextualização, a produção e a apreciação. A imersão do sujeito no universo da arte e de suas linguagens abrirá espaços para a experimentação de práticas artísticas que presentifiquem no espaço os espetáculos, as exposições e as apropriações, promovendo a mediação entre os sujeitos, as manifestações artísticas e os contextos culturais. Diante de tal perspectiva as experiências não serão subtraídas. O legado das gerações será transmitido e haverá lugar para o surgimento de novas proposições que nos deixarão menos pobres e atentos contra a barbárie. A arte na escola deve apontar para o devir. Com isso, esperamos nos colocar diante da epígrafe que abre este texto de maneira propositiva e consciente da necessidade da arte e de sua expansão.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119.

BARBOSA, Ana Mae, COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.) **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.

CORRÊA, Ayrton Dutra. Entrelaçamentos entre trajetórias pessoais e profissionais. *In*: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria, RS: UFSM, 2007.

GULLAR, Ferreira. Chovendo no molhado. **Folha de S. Paulo**, 24 mar. 2013. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/index-20130324.shtml>>. Acesso em: 24.03.2013.

LEÃO, Raimundo Matos de. A arte no espaço educativo. **Revista de Educação CEAP**, Salvador, a. 8, n.4, dez., fev., 2000, p.21-30.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. A arte da docência em Arte: desafios contemporâneos. *In*: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria, RS: UFSM, 2007.

PERROTI, Edmir. **Arte na escola**: anais do primeiro seminário sobre o papel da arte no processo de socialização e educação da criança e do jovem. São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, 1995, p. 26-27.

READ, Herbert. **Educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **A beleza salvará o mundo, Wilde, Rilke e Tsvetaeva**: as aventuras do absoluto. Rio de Janeiro: Difel, 2011.